

Integra da entrevista do presidente José Sarney concedida na sala de imprensa do Hotel Excelsior, onde está hospedado, logo após participar de um almoço na casa do senador Amintori Fanfani, presidente do Senado italiano:

P — O senhor poderia fazer uma primeira avaliação de seu encontro de hoje com o papa?

Sarney — Em primeiro lugar, venho agradecer a todo o corpo de jornalistas do Brasil, que aqui estão, pela colaboração a esta minha visita. Sobre tudo do que significa informar ao povo brasileiro sobre o que está fazendo o presidente da República. É uma maneira de transparência democrática do governo que estamos fazendo. Essa é minha primeira avaliação, minha primeira manifestação. Esta minha visita, acredito que foi de grande importância, porque, como eu disse a vocês todos, eu sou presidente do maior país católico do mundo e, portanto, estou cumprindo o sentimento do povo brasileiro. Constatei que o santo padre tem um apreço extraordinário pelo Brasil. Apreço que se manifesta numa avaliação constante de tudo que ocorre no Brasil. Ele tem uma informação extraordinária sobre o País. E mais que isso, um grande amor e uma grande preocupação sobre o destino do Brasil. Ele esteve com Tancredo Neves, teve as mesmas esperanças do povo brasileiro, naquele momento em que nós todos estávamos com o pensamento fixo na mudança democrática do Brasil. Teve as mesmas perplexidades que nós tivemos e hoje tem também as mesmas constatações que nós brasileiros tivemos. Quer dizer, o povo brasileiro foi capaz, pelas suas potencialidades, de superar as suas dificuldades. Uma conversa com o papa é quase uma confissão. De maneira que eu não tenho o direito de revelar o que nós conversamos, sobretudo porque tem dois aspectos: o aspecto do chefe de Estado do Brasil, que tem relações diplomáticas, e tem o aspecto do cristão, do católico, que eu sou, e que, portanto, tem toda vinculação com a igreja que o papa é o chefe supremo. Mas fiquei muito feliz pelas palavras de encorajamento, pelas palavras de carinho, de amizade, de assistência, vamos dizer assim, que ele teve com o presidente do Brasil. Nós vimos hoje uma coisa inédita, segundo relato que me foi feito por aqueles que convivem diariamente com o Vaticano. O Papa abriu uma exceção no cerimonial que tinha feito. Foi uma homenagem ao Brasil, não só recebendo o presidente na audiência, como ficando aqui um dia depois da chegada da visita à Colômbia, uma viagem exaustiva, não tendo ido a Castelgandolfo para ter esse encontro. Em segundo lugar, quis celebrar uma missa especial para o Brasil. E depois, ele não quis só celebrar na sua pequenina capela, quis ampliar um pouco mais e celebrou a missa na capela ao lado, que é sua capela privada e que o papa João XXIII celebrava, para que pudessem a ela comparecer os brasileiros que aqui estivemos. Mais do que isso, ele fez uma homilia que é uma peça importante, que vai servir bastante para uma reflexão sobre os problemas brasileiros e como o papa vê os problemas brasileiros. O papa também tem uma noção da importância do Brasil no mundo moderno, da importância que cada vez mais o nosso país tem no mundo moderno. A nossa presença, essa presença de um Brasil que

marcado uma diplomacia do diálogo, da conciliação. E hoje, mais do que nunca, nós pregamos isso internacionalmente, porque praticamos internamente. O Brasil é um país que está procurando resolver os seus problemas através do entendimento, dentro da filosofia cristã, da não violência, de encontrarmos caminhos, e é justamente esse caminho; essa direção que é a direção que o papa tem. Em seguida, eu quero dizer que os nossos objetivos são objetivos comuns porque enquanto a Igreja tem uma opção preferencial pelos mais pobres, eu não fiz outra coisa desde que assumi o governo senão manifestar essa opção social de inverter aquelas setas, que eram voltadas só para o setor econômico, também para o setor social. O que nós estamos fazendo é um grande esforço para que o Brasil possa superar esse desnível e essa contradição terrível que é ser a oitava economia do mundo e um dos índices mais baixos de indicadores sociais. Esse é o grande desafio de todos nós brasileiros. Eu acho que isso é uma missão da Igreja e uma missão nossa, em que conjugamos esforços, e a conjugação desses esforços marca, sem dúvida, uma presença importante. E eu acho que a igreja pode hoje, a igreja do Brasil, extraordinária, que tem uma presença tão constante, tão próxima do povo, ela pode demonstrar um grande país como o Brasil e, como a igreja do mundo moderno, ela pode dar uma contribuição importante para que se possam resolver problemas sociais. Resolver dentro daquilo que é o cristianismo. Estamos completando quase 2 mil anos da pregação de Cristo e que chegaremos a dois mil anos com esses ideais de que o homem pode resolver através do entendimento os seus problemas.

P — O que o senhor achou das declarações do papa João Paulo II de que a reforma agrária no Brasil não pode fracassar?

Sarney — Eu acho que é outra sintonia que nós temos. A reforma não pode fracassar porque não pode fracassar o programa social do governo. A reforma agrária está inserida dentro do programa social. Hoje, o Brasil não é só um país agrário, já é um país urbano. Mas ficou na área rural a população mais pobre, mais desprotegida, mais necessitada. Então, nós não podemos deixar fracassar a reforma agrária. É nesse sentido que está sendo o nosso esforço. Dentro de um ano que temos de governo já avançamos bastante. Agora, nós temos que reconhecer as limitações que temos. As nossas ambições são sempre muito maiores do que as nossas possibilidades. Mas eu disse que o nosso desejo, a nossa determinação, o nosso idealismo, a nossa convicção, sobretudo, é de que este é um problema e é um desafio que o governo enfrentou. O povo brasileiro não pode esquecer que o Ministério da Reforma Agrária, como nome de Ministério da Reforma Agrária, que era um simples slogan, foi criado pela Nova República, enfrentando o problema.

P — Presidente, o papa disse que além de uma questão de justiça social a reforma agrária é um problema do futuro da democracia que se deve defender?

Sarney — Eu não vi exatamente a declaração do papa, mas eu acho que quando ele fala que a reforma agrária é uma vitória da democracia ele está falando justamente que a reforma deve ser feita dentro dos padrões democráticos. Isto é, da não violência. E uma refor-

ma, não é uma revolução. E a reforma tem que ser feita dentro da lei. E o papa disse hoje na sua homilia que a reforma tem que ser feita, dentro do consenso, com todas as partes interessadas juntas. E vou repetir aquilo que disse quando chegamos a Roma: quem convide o povo brasileiro ao radicalismo não conhece a alma e o espírito do povo brasileiro.

P — O senhor esperava receber esse estímulo em Roma de o papa ser tão direto, tão objetivo?

Sarney — Acho que não só me surpreendeu como excedeu. Eu sou homem sensível e confesso que cheguei não a uma grande emoção, mas a uma grande comoção com as palavras de incentivo do papa, que não foram palavras que considerei para mim mas para o Brasil. Ver a importância do Brasil no mundo inteiro, o amor do papa pelo País e as minhas responsabilidades nesse instante. Eu tive oportunidade de recordar ao papa que eu nunca deixei em nenhum discurso meu de dizer, em nenhum instante, que Deus não pode me abandonar em momentos tão difíceis da História do Brasil.

P — Que efeitos o senhor espera dessas palavras do papa sobre aqueles setores que se opõem e que resistem ao projeto de reforma agrária de seu governo?

Sarney — Acho que num país democrático nós devemos nos habituar a isso. Um país democrático é um país de conflitos e cabe a todos nós harmonizar esses conflitos. Ninguém pode querer unanimidade. Unanimidade não existe. Então temos que conviver com o debate, aprender a conviver com a democracia, sobretudo tendo aquele sentimento de que o verdadeiro democrata é aquele que não é dono da verdade. Ele sempre pode achar que às vezes não tem razão.

P — Mas nestes conflitos o senhor tem um bom aliado hoje, o senhor se sente reforçado por um aliado importante. Foi positivo o encontro?

Sarney — Olha, eu acho que essa avaliação vai ser de vocês todos. Mas eu tenho a impressão que foi um momento extraordinário, uma vitória do meu governo. Vou repetir, ele tem (o papa) não só está condição de chefe espiritual da Igreja, mas sobretudo uma grande força moral, que ele exerce hoje sobre a humanidade. E o Brasil, como um grande país, não só se limita hoje a discutir os problemas internos, mas também a contribuição que o Brasil pode dar em termos internacionais. Então, com isso, conversamos sobre uma visão do mundo, uma visão do mundo atual, os problemas do mundo atual. E a presença brasileira, uma presença constante deste espírito que todos nós brasileiros temos, que é o espírito da não violência, da visão de uma diplomacia voltada para o diálogo, da conciliação, do encontro de soluções não traumáticas quer dizer, este é o Brasil, a contribuição brasileira e, sobretudo, uma contribuição que se identifica muito com a Igreja.

P — A dívida externa foi tratada?

Sarney — Nós não chegamos a tratar em detalhes sobre isso, sobre a dívida. Não posso revelar, como disse, detalhes da nossa conversa, que, como eu disse, foi quase uma confissão.

P — No seu discurso em Imperatriz, presidente, o senhor disse que existem dois tipos de violência: a dos pistoleiros e a dos invasores. Força moral para enfrentar isso?

Sarney — Violência é sempre violência, não se pode distin-

guir violência. Tanto a de pistoleiros quanto a de proprietários é uma resistência indevida. Acho que devemos combater a violência de toda forma. E hoje acho que um dos pontos principais que nós temos que ter no País, no momento, é combater a violência, sobretudo porque a violência é contra o espírito do Brasil. O Brasil nunca foi um país violento. O País sempre foi um país diferente, nunca foi convidado à violência. E contra o País a violência.

P — A cooperação com a Igreja fica mais fácil?

Sarney — Eu disse que os nossos objetivos são comuns. Os nossos canais com a Igreja estão abertos, todas aquelas arestas que existiam entre a Igreja e o governo desapareceram. Um dos primeiros gestos que eu tive foi ir à CNBB e procurar abrir os canais de entendimentos. E por quê? Porque nossos objetivos são comuns. Eu acho que governar, como na religião, exige um princípio ético, que deve partir de todo homem que exerce uma ação de comando. E este princípio ético nos leva fundamentalmente à religião.

P — A audiência de hoje fecha este ciclo de negociações?

Sarney — Eu acho que o Brasil está ocupando os espaços que tem que ocupar, em nível internacional. E um desses espaços que tem que ocupar é em relação à Igreja e a Igreja é uma força extraordinária, poderosa no País e que presta um grande serviço ao Brasil pelo que ela faz no setor social.

P — Presidente, o segredo da confissão pertence ao padre, o senhor poderia revelar para a gente uns detalhes da conversa...

Sarney — Mas os pecados da gente a gente só confessa ao padre. Não posso falar nada.

P — Agnelli (presidente da Fiat) disse que o Plano Cruzado é de difícil realização. Manter índice inflacionário de 10% é muito difícil. O que o senhor acha disso?

Sarney — Muito mais difícil era pegar uma inflação de 250% e reduzi-la a menos de zero e chegar a um nível entre zero e meio por cento. Manter não será tão difícil. Mas é uma determinação e posso dizer mais uma vez que nós tomaremos todas as decisões, com a maior coragem, maior determinação, para criar estabilidade na economia brasileira.

P — Qual a importância do espírito cristão no momento eleitoral?

Sarney — Espírito de concórdia existe e vai continuar. Eu mesmo lembrei ao papa que a ida dele ao Brasil marca uma etapa importante do ponto de vista sociológico. Porque, pela primeira vez no Brasil, foram mobilizadas grandes massas no sentido que era um sentido de prece, de oração e de esperança. Não era mobilização de paixão extremada. Então, a partir daquele instante, o Brasil compreendeu que era possível ele se reunir em torno de uma causa que não fosse uma de paixão. Mas uma causa de razão, e, depois da presença do papa, eu acho que a campanha das diretas, da campanha do Tancredo, era uma consequência desta consciência da presença do povo brasileiro de cidadania. Foi uma contribuição que o papa deu indiretamente à consciência, à formação da cidadania brasileira. E hoje, se nós estamos encontrando o povo brasileiro todo reunido como fiscal do programa de estabilização econômica, é um desdobramento daquele movimento, que começou com a mobilização das grandes massas brasileiras, feita pelo papa na sua visita ao Brasil.